



INTER E TRANSDICIPLINARIDADE: UM DIÁLOGO ENTRE PESQUISAS

Hilda Freitas Silva¹ (UFG)
Nélia Cristina Pinheiro Finotti²(UEG)

GT1: INTER E TRANSDISCIPLINARIDADE NA EDUCAÇÃO

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo pensar a inter e a transdisciplinaridade na educação. Entretanto para instrumentalizar essa reflexão, pensamos através do conceito lato de cultura, onde o sujeito criativo se faz, como também ressignifica os sentidos dos lugares (Roy Wagner, 2010). A metodologia utilizada perpassa a bibliografia e etnografia, assim como as demais referências teóricas de duas pesquisas de mestrados em curso (autoras desse artigo). Entendemos etnografia através de teorias de Malinowski e Clifford Geertz, pois ele demonstram que o pesquisador deve reconhecer as especificidades dos campos investigados, para entender os seus valores fora de um padrão linear ideal. Assim, além de uma escrita densa como diz Geertz, a etnografia perpassa também pela desconstrução de si e posterior entendimento de alteridade. Vê-se a busca acadêmica de entendimento de sentidos através desse processo. Isso se justifica pois pensando a experiência de pós graduação, vemos que a inter e transdisciplinaridade é algo que suscita ampliação para a devida reflexão de ambientes formais e informais de formação humana dentro de seus próprios repertórios culturais, ou seja, sem uma hierarquia. Assim, fica-se perceptível a tentativa constante de dialogarmos com nossos interlocutores e pensarmos a formação humana. A pergunta problema pauta-se em: como entender a dinamicidade da vida para o estudo de inter e transdisciplinaridade? Fica-se notório a importância da dialética para entendermos esse processo de construção na educação. Utilizamos especificamente teorias de Yi-Fu-Tuan (1983) pois esse autor clássico (e de teorias atuais) demonstra que é através da experiência que esse processo ocorre. Portanto com esses dois autores, centramos nosso trabalho afim de esmiuçar etnograficamente os campos estudados e apontarmos os processos inter e transdisciplinar que encontramos neles. Com essas nuances, construiremos dialeticamente reflexões que transitam em História, Educação e Antropologia.

Palavras-chave: Inter. Transdisciplinaridade. Diálogo.

1Mestranda no programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Antropologia Social. Universidade Federal de Goiás (UFG). Email: Hildafsilva28@hotmail.com.

2 Mestranda no programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado. Universidade Estadual de Goiás (UEG). Docente na Universidade Estadual de Goiás(UEG). Email: neliaueg@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Pensando a inter e a transdisciplinaridade, pensamos através de autores como Tuan (1983) quando descreve a experiência como constituidora dos lugar(res) e da(s) identidade(s); como também com Jackson (1984, p. 156) quando ele diz que toda paisagem é “the place where we establish our own human organization of space and time”. Assim, geraram-se lugares sociais diferentes e um conflito simbólico que são vistos na reconstrução da/na paisagem, ficando evidentes as diferenças entre os grupos nos lugares que situam e nos borramentos que são estabelecidos culturalmente entre eles. O que queremos demonstrar, e, portanto é o objetivo das pesquisas é que através do vivido é que vaza e se forma a inter e transdisciplinaridade.

Diante disso, utilizamos o conceito de cultura através de Roy Wagner (2010) quando ele demonstra o fator criatividade nesse processo. Assim, tanto a pesquisa realizada no Bairro Nortista, situado em Jussara, interior de Goiás, vinculado ao programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Antropologia Social, Universidade Federal de Goiás (UFG); como a pesquisa sobre a cidade de Trindade, no Pós-Graduação Stricto Sensu em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, da Universidade Estadual de Goiás(UEG); percorrem os caminhos polissêmicos da inter e transdisciplinaridade.

Assim os objetos de estudo das pesquisas citadas são:

- ✓ na pesquisa 1: o Bairro Nortista e a memória dos seus moradores;
- ✓ na pesquisa 2: são as roupas dos fazedores de vestimentas e suas memórias.

A metodologia utilizada perpassa a bibliografia e etnografia, assim como as demais referências teóricas de duas pesquisas de mestrados em curso (autoras desse artigo). No momento, vemos a importância de descrever um pouco sobre a construção etnográfica e com o auxílio teórico de Aline Bonetti e Soraya Fleischer (2007) é possível dizer que a etnografia é um método de pesquisa de aproximação e subjetividade. Portanto, este é o método ideal para compreender os seres humanos em nuances de movimentação de ideias e de repertórios culturais. Entendendo que tanto a inter e transdisciplinaridade está imerso nesse contexto. Com essas características, vemos que seja a metodologia ideal para a construção desses trabalhos. Mariza Peirano (1995, p. 53) complementa dizendo que “a prática etnográfica artesanal microscópica e detalhista — traduz, como poucas outras, o reconhecimento do



aspecto temporal das explicações”. Em relação ao fazer pesquisa e construção etnográfica, Rosani Leitão (2014, p. 9) diz que:

Nos discursos de cada povo, o seu próprio grupo é destacado como os representantes dos mais legítimos dos seres humanos, como a referência mais forte de cultura e de sociedade e, por isso mesmo, defendida como sendo a mais coerente, a mais certa, a melhor, a mais bonita.

Assim, a pesquisa possui essa perspectiva metodológica e teórica, de sistematizar o fluído e dinâmico – característica da polissêmica cultura teorizada por Laraia (2001) e Geertz (2008). Dessa forma, concorda-se e aplica-se metodologicamente o que Roberto Cardoso de Oliveira (1996) diz sobre a importância do olhar, ouvir e escrever na pesquisa. Portanto este trabalho (como nas pesquisas destacadas) percorre(m) por esses ensinamentos de professores pesquisadores que já tem experiência em campo. “Seguindo” o que os teóricos nos contribuem, pensamos instrumentalização metodológica do trabalho sendo a seguinte:

- ✓ Levantamentos de dados – Registrando com entrevista com formulários semi estruturados, como também em cadernos de anotações para a anotação diária, os chamados “diários de bordo”;
- ✓ Realizar a pesquisa participante nas experiências vivenciadas pelos atores, agentes e sujeitos que se relacionam nos locais de pesquisa, registrado em entrevistas e fotografias.
- ✓ A partir da construção etnográfica, utilizar-se-á os depoentes como centro da rede de vivências nos locais de pesquisa – a relação do homem com a natureza, os saberes e fazeres populares dentro do processo de construção de lugares (inclusive arquitetonicamente) e as performances culturais.

A bibliografia perpassa a clássicos como Malinowski, Maurice Halbwachs e Jacques Le Goff; como também teóricos mais recentes como os já citados Laraia (2001); Geertz (2008) e Roberto Cardoso de Oliveira (1996); entre outros já citados aqui. Entretanto o que temos a ressaltar sobre a bibliografia é que utilizamos essa variedade justamente para buscarmos o panorama da inter e transdisciplinaridade.

Com isso, aprofundamos na inter e transdisciplinaridade, perpassando o adensamento de outras categorias como a lugar, memória, identidades e sociabilidade desenvolvidas nas dissertações. Daí nos indagamos: como entender a dinamicidade da vida para o estudo de



inter e transdisciplinaridade?.

A resposta já está em “efetiva” construção, pois as pesquisas já estão em curso de investigação. Em suma, temos a princípio, uma área de pesquisa representada por lugares, que desencadeia relações sociais ressignificadas que relaciona com os demais moradores da cidade. Daí o interesse científico de aprofundar etnograficamente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No âmbito teórico, Tim Ingold (2012), propõe a possível separação dos objetos e das coisas. Isso significa que a teoria desse pesquisador aponta para não apenas a mudança do nome objeto (para coisa), mas também, a forma com o que vemos. Para ele a coisa é relacionada a fios vitais (2012, p. 29) num diálogo direto com as coisas do mundo. Com isso, constata-se que o social é plural, polissêmico, um emaranhado que vaza e que se ressignifica vazando. E isso ficou notório no Bairro Nortista em Jussara/Go, como na pesquisa em Trindade/Go.

Percebe-se com Tim Ingold (2012) a “coisa”, porosa e fluida, perpassada por fluxos vitais, integrada aos ciclos e dinâmicas da vida e do meio ambiente. Nestes processos pensa-se a materialidade como ponto visível que deve ser questionada a todo instante. Esse posicionamento teórico é baseado em Baudrillard (1969) que nos incentiva a questionar o visível, indo de encontro à teoria de fluxos de Ingold.

Esses lugares se tornam lugares de memória e podem ser pensado de acordo com Izabela Tamasso (2012, p. 22) quando demonstra que “as ‘ilhas’ do passado surgem em meio às cidades do mundo todo”. Essas ilhas são propriamente lugares de memória que perpassa ou não a história oficial. Esta situação que Tamasso (2012) descreve, vai de encontro às rotas e desvios que Appadurai (2008) pontua e que com o tempo toma-se certa proeminência. Amparado nos filósofos Deleuze e Félix Guattari (2004, p. 377), Tim Ingold (2012, p. 26) demonstra que:

[...] Em um mundo onde há vida, a relação essencial se dá não entre matéria e forma, substância e atributos, mas entre materiais e forças. Trata-se do modo como materiais de todos os tipos, com propriedades variadas e variáveis, são avivados pelas forças do cosmo, misturadas e fundidas umas às outras na geração de coisas.

Nas categorias de materiais e forças que Ingold (2012) se refere, pode-se atrelar a essas, as demandas e desejos que Appadurai se refere. Portanto, percebe-se que a



imaterialidade, as agências nos processos e nas coisas, constitui a identidade de pessoas, demonstrando singularidades dessas pessoas e desses lugares.

Maurice Halbwachs (2004, p. 156) complementa com exemplo religioso, dizendo que “um grupo religioso [...] tem a necessidade de se apoiar sobre um objeto, sobre alguma realidade que dure”. Dessa forma, o processo de nova territorialização é marcado também pela religião, assim são construídas as demais instituições e os costumes feitos em outro lugar, transformando em ideias e experiências que se renovam no novo lugar. Apesar dos conceitos de objeto e coisas serem conceitos diferentes, é notável que Halbwachs (2004) atenta-se para o contexto simbólico que se refere a objeto. Consequentemente, entende-se que o objeto que ele diz, seja a coisa que o Ingold pontua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já descrito, é através de duas pesquisas de mestrados em curso que fazemos presente reflexão. No momento fica-se notório a importância da dialética para entendermos esse processo de construção na educação. Com essas nuances, continuaremos construindo dialeticamente reflexões que transitam em História, Educação e Antropologia. Dessa forma, a palavra central desse(s) trabalhos talvez seja “polifonia” e isso se justifica, pois essas vozes estão latentes. Sendo que negar os movimentos é negar a própria dinâmica da vida, assim, o que se tem é uma cultura pulsante, e, portanto, viva.

Com isso, as contribuições desse trabalho pauta-se em pensar cidades interioranas como lugares de ressignificação cultural que se entrelaça a histórias de outros lugares, de outras pessoas. Diante disso vemos a inter e transdisciplinaridade nesse processo complexo e intenso do ser humano em lugares, geralmente simplificados na visão hegemônica. Contudo as duas pesquisas de mestrado aqui evidenciadas demonstram e apontam para complexas redes de sociabilidade e de fazer história, como também perpassando a ambientes formais e informais de formação humana dentro de seus próprios repertórios culturais, ou seja, sem uma hierarquia. Diante do exposto seguimos com a pesquisa e com a reflexão somada a imersão *in locu*.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos nossos interlocutores e para os demais que contribuem para a reflexão dos nossos trabalhos.



REFERÊNCIAS

BONETTI, Alinne; FLEISCHER, Soraya. Introdução – **Diário de Campo. (Sempre) um experimento etnográfico-literário?** In: Entre Saias Justas e Jogos de Cintura. Florianópolis: Editora Mulheres/Edunisc, 2007.

CASEY, Edward S.. 1996. **How to get from space to place in a fairly short stretch of time.** In: FELD, Steven; BASSO, Keith (Orgs.) *Senses of Place*. Santa Fé, Novo México: School of American Research Press. (pp.13-51).

CERTEAU, Michel de. Práticas de Espaço. **A invenção do cotidiano.** Petrópolis: Vozes.

J. E. MALPAS. Place and Experience. A philosophical topography. Cambridge: Cambridge University Press.

GUPTA, Akhil; FERGUSON, James. **Mais além da cultura': espaço, identidade e política da diferença.** In: ARANTES, Antonio A. (Org.) *O espaço da diferença*. Campinas: Papirus, 2000. p.30-49. p.32.

HALBWACHS, Maurice. 2004. A memória coletiva e o espaço. *Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro (pp. 137-167)

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25-44, jun. 2012.

LATOUR, Bruno. Os objetos têm história? Encontro de Pasteur com Whitehead num banho de ácido láctico. **Hist. cienc. saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 07-26, jun. 1995.

LATOUR, Bruno. Terceira fonte de incerteza: os objetos também agem: In: **Reagregando o social. Uma introdução à teoria do ator-rede.** Salvador/Bauru: EDUFBA/EDUSC. 2012

LEITÃO, Rosani Moreira. **Diversidade Cultural e Cidadania.** Universidade Federal de Goiás. 2014.

MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, Antonio Augusto (org.) *O Espaço da Diferença*. Campinas: Papirus, 2000.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo: PUC-SP. Nº 10, p. 12. 1993

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever.** Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 1996, v.39, nº1. Pp.12-37.

PARK, Robert. 1979. **A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano**



no meio urbano. In: In. VELHO, O. (org) **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara.

PEIRANO, Mariza. **A Favor da Etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

TAMASO, Izabela. 2006. **A Cruz do Anhanguera**: representações, experiências, memórias, patrimônio. In: FRUGOLI JR., Heitor; ANDRADE, Luciana T. de; PEIXOTO, Fernanda A. (orgs.) *A cidade e seus agentes: práticas e representações*. Belo Horizonte/São Paulo: Ed. PUC Minas/Edusp, pp. 245-273.

TAMASO, Izabela. 2012. **Etnografando os sentidos do lugar**. In: TAMASO, I.; LIMA FILHO, M. F. (Orgs.) *Antropologia e Patrimônio Cultural: trajetórias e conceitos*. Goiânia/Brasília: Ed. UFG/ABA.

TAMASO, Izabela. 2011. **Pedras e lampiões: marcos da fronteira do patrimônio mundial**. In: ROSAS, M. TOBAR, J. E ZARATE, Alberto (Orgs.) *Arte y Patrimonio Cultural: inequidades y exclusiones*. Calca: Editrial Universidad del Calca.

TAMASO, Izabela Maria. **Por uma distinção dos patrimônios em relação à história, à memória e a identidade. Polifonia do Patrimônio**/(Organizadores) Zueleide Casagrande de Paula, Lúcia Glicério Mendonça, Jorge Luis Romanello. – Londrina: EDUEL, 2012.

TILLY, Christopher. 1994. **A Phenomenology of Landscape: Places, Paths and Monuments**. Oxford/Providence, USA, Berg Publishers.

TUAN, Yi-Fu. 1983. **Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência**. Tradução de Livia de Oliveira, São Paulo, Difel.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. Tradução Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

WIRTH, Louis. 1987. **O urbanismo como modo de vida**. In: VELHO, O. (Org.) **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara.